

Técnicas de si e clínica psi: um campo de estudos etnográficos

Techniques of the self and clinical psychology: a field for ethnographic studies

Técnicas del yo y clinica psicológica: un campo para estudios etnográficos

Arthur Arruda Leal Ferreira

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Natalia Barbosa Pereira

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Bruno Foureaux Figueredo

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Resumo

O alvo deste trabalho é examinar os efeitos de subjetivação produzidos pelas práticas psi, notadamente as oriundas do campo clínico. Para tal tomaremos como ferramenta-chave o conceito de tecnologias ou técnicas de si, desenvolvido na última fase dos escritos de Michel Foucault, nos anos 1980. Contudo, mais que sugerir uma aplicação do conceito foucaultiano às práticas psicológicas, o campo de estudos da Antropologia da Ciência nos permite fazer um estudo das técnicas de si presentes nas práticas clínicas atuais. Para tal, seguimos com uma pesquisa de campo realizada com dispositivos psicológicos específicos, na Divisão de Psicologia Aplicada da UFRJ. Ao longo da pesquisa acompanhamos as distintas técnicas terapêuticas que são colocadas em prática neste espaço por estudantes do curso de Psicologia sob orientação de profissionais mais experientes, sendo este estágio uma parte do processo de formação em psicologia.

Palavras-chave: Psicologia Clínica; Processos de Subjetivação; Tecnologias de si.

Abstract

This work has the purpose to examine of subjetification effects generated by the psychological practices, as the clinical ones. For that we Will use the concepts of techniques of the self, proposed by Foucault along the 1980`s. . These technologies of the self are divided in four elements: *substance, askesis, practices of self, and teleology*. Considering these elements, Foucault described some ethical systems where the hermeneutic of self was crucial for the birth of the *psychological sciences*. But to

examine the present subjectivation effects of Clinical practices, we will follow therapeutical techniques coming from different orientations on how they are performed in the Division of Applied Psychology at the Federal University of Rio de Janeiro. To this aim, beyond the description of the present artifacts, people in the beginning and end of therapy, trainees, screening staff and mentors, were interviewed.

Keywords: Process of Subjectivation; Foucaultian Thought; Technologies of Self.

Resumen

El objetivo de este trabajo es examinar los efectos de subjetivación producidos por las prácticas psi, en especial las del ámbito clínico. Para tal utilizamos como herramienta clave el concepto de tecnologías del yo que Michel Foucault desarrolló en la última fase de sus escritos, en 1980. Sin embargo, en lugar de sugerir una aplicación del concepto de Foucault para la práctica psicológica, el campo de estudios de Antropología de la Ciencia, nos permite hacer un estudio de las técnicas del yo presentes en la práctica clínica actual. Para eso, seguimos con una investigación de campo sobre dispositivos psicológicos específicos en la División de Psicología Aplicada de la UFRJ. A lo largo de este estudio seguimos las diferentes técnicas terapéuticas que se ponen en práctica en este espacio por los estudiantes de pregrado de psicología bajo la dirección de profesionales experimentados, siendo esta pasantía una parte del proceso de su formación.

Palabras Clave: Psicología Clínica; Processos de subjetivación; Tecnologías del yo.

Introdução

Psicologia e técnica

Pensar a relação entre psicologia e técnica poderia nos conduzir a diversos caminhos, desde o uso de imagens técnicas para pensar modos de funcionamento psicológico (como, por exemplo, os modelos informacionais

para a cognição), até a transposição a artefatos tecnológicos de certas propriedades e modos de funcionamento supostamente naturais (como a Inteligência Artificial Forte e Fraca, por exemplo). Aqui, no entanto, tomaremos o conceito de técnica em sentido mais amplo. Serão pensadas como técnicas as próprias práticas psicológicas como modos codificados de ação ou

Psicotécnicas (Bernard, 1983); e até mesmo certas práticas éticas codificadas em modos de exercício (Foucault, 1995a).

É neste sentido que utilizaremos o conceito de técnica para examinar os efeitos de subjetivação produzidos pelas práticas psi, notadamente as oriundas do campo clínico. Para tal, tomaremos como ferramenta-chave o conceito de tecnologias ou técnicas de si, desenvolvido na última fase dos escritos de Michel Foucault, ao longo dos anos 1980. Dentro desta perspectiva, trabalharemos inicialmente com estes conceitos a partir de seus componentes, como substância, *askesis*, modos de sujeição e teleologia. Na sequência, veremos como Foucault estabelece alguns sistemas éticos específicos a partir desses componentes, como: uma ética pagã clássica; uma ética pagã tardia; uma ética cristã; e uma ética moderna. Partindo disto, Foucault avalia como crucial para o surgimento dos saberes e práticas psi a ética cristã, a partir da invenção de uma nova substância ética, os nossos desejos, e de uma nova *askesis*, a hermenêutica de si.

Contudo, mais que uma aplicação do conceito foucaultiano às práticas psicológicas, buscamos a possibilidade de fazer um estudo das técnicas de si presentes nas práticas clínicas atuais.

Para isso utilizamos o aparato teórico da Antropologia da Ciência e Epistemologia Política, vindo de autores como Latour, Despret e Law. Esses autores propõem, como uma de suas metodologias privilegiadas, a pesquisa etnográfica no interior do próprio campo científico como modo de problematizar a assimetria de poder entre discursos científicos e não-científicos em nossa cultura. Observando a construção de fatos científicos através de práticas com a mesma ferramenta historicamente utilizada para observar a construção de fetiches e crenças por povos ditos primitivos. Tal problematização, dentro do contexto de nossa pesquisa, mostra-se essencial ao objetivo de refletir sobre a existência de uma autoridade científica em torno da figura do psicólogo e de destacar a relação de determinados discursos psicológicos com determinadas técnicas de si e possíveis efeitos de verdade que estas possam produzir.

Para conduzir esta observação das práticas psicológicas, optamos por uma pesquisa de campo na Divisão de Psicologia Aplicada da UFRJ. Esta pesquisa ainda está em andamento no presente momento, sendo este artigo apenas um recorte específico de uma pesquisa maior. Neste espaço, onde foi

conduzida a pesquisa de campo, pudemos acompanhar as distintas técnicas terapêuticas que são colocadas em prática por estudantes do curso de psicologia da UFRJ, sob orientação de profissionais mais experientes, como parte de seu processo de formação. Além de entrevista com estagiários, a pesquisa se dá com outros recursos, como entrevista a pacientes e supervisores de estágio e observação participante.

A ética de si foucaultiana

Como tema principal da rede conceitual proposta neste artigo destaca-se o *Cuidado* ou as *Técnicas de Si*, apresentada por Foucault em seus últimos trabalhos na década de 1980. Basicamente, o que está em questão é examinar como nos constituímos enquanto sujeitos éticos por meio de técnicas ascéticas sobre nós mesmos. O estudo dessas práticas históricas e contingentes de subjetivação, portanto, nada tem a ver com a clássica questão do sujeito como fundamento universal do conhecimento, como proposto pelas filosofias moderna e contemporânea¹. Se a pesquisa desses modos de subjetivação deve ser distinta das abordagens epistemologizantes, o aspecto ético tem que ser separado do

levantamento de atos e códigos morais². Esses códigos ou agem determinando os atos que são permitidos e proibidos, ou atuam apenas determinando o valor de uma conduta possível. De caráter meramente proibitivo ou prescritivo, teriam permanecido quase os mesmos desde a antiguidade, regulando a frequência sexual, as relações extraconjugais e o sexo com os jovens (Foucault, 1995^a, p. 265; 1984b, p. 131). A ética, ao contrário, diz respeito ao modo de relação estabelecido consigo mesmo (Foucault, 1995a, p. 254, 262-263).

Enquanto modo de relação consigo, as formas éticas ou as técnicas de si seriam compostas de quatro elementos: a *substância ética* (aspecto do comportamento que se encontra ligado à conduta moral: pode ser a “aphrodisia” grega, a carne ou desejo dos primeiros cristãos ou a sexualidade moderna dentre outros); os *modos de sujeição* (formas pelas quais as pessoas são chamadas a reconhecer suas obrigações morais: pode ser uma lei natural, uma regra racional ou a ordem cosmológica, etc.); o *ascetismo ou prática de si* (meios ou técnicas utilizados para nos transformarmos em sujeitos, como a confissão ou hermenêutica cristã); e, por último, a *teleologia* (em que visamos nos

transformar no contato com a moral: sujeito político ativo nas cidades-Estado gregas, sujeito purificado de acordo com o cristianismo, ou ainda o indivíduo autêntico para nós, modernos).

Considerando essas categorias éticas, Foucault demarca alguns modos deste cuidado de si. De início seria pensável uma *ética antiga clássica* (relativo ao auge das cidades-Estado gregas), tendo como substância a “aphrodisia” (centrada nos apetites e visando especialmente à moderação), a sujeição como estético-política (levando a que o indivíduo busque se constituir numa justa medida como uma obra de arte), impondo, dentre as técnicas, a contemplação ontológica de si (trata-se de um exercício ontológico e não psicológico, da alma na sua universalidade) e, como teleologia, a maestria de si (a *techne tou biou*). Na sequência, seria estabelecível uma *ética tardia-clássica* (referindo-se ao período imperial de Macedônia e Roma), mantendo a mesma substância do período anterior, mas tendo como modo de sujeição a imagem do ser humano racional e universal³, o surgimento de várias técnicas de austeridade (como a interpretação dos sonhos, o exame de si, a *askesis* e a escrita de si, todas enfocando os atos éticos) e tendo como

finalidade um maior domínio de si (sem o viés político do período anterior, mas a produção de um ser racional, ao máximo independente do mundo e preparado para a morte). Ainda que pouco trabalhada, Foucault destaca uma *ética cristã primitiva* (envolvendo os primeiros séculos do cristianismo), tendo com substância a carne (enquanto ligação indissociável entre corpo e alma), um modo de sujeição religioso ou legal (a lei divina), através de uma técnica de autodecifração hermenêutica⁴, e visando teleologicamente à pureza (a busca de purificação, e seu corolário, a virgindade, passam a cobrir a estética de si) e a imortalidade em um mundo além. Apesar de serem insinuadas apenas pistas, poderia ser pensada uma *ética moderna* a partir de algumas modificações da ética cristã, como a substituição do aspecto religioso pelo científico (mas ainda se mantendo o aspecto legal) quanto ao modo de sujeição, e a autenticidade ou afirmação do eu como *thelos*, onde se buscava a sua purificação e recusa, além da proposição de novas substâncias éticas, como os sentimentos e as intenções (Foucault, 1995a, p. 263).

A partir deste balizamento desenvolve-se uma hipótese clara sobre a gênese dos saberes e práticas psi

(apesar de Foucault ter como alvo crítico específico a psicanálise – conferir Goldman, 1998); elas seriam oriundas de uma forma de subjetivação cristã, a hermenêutica de si, que seria alvo do exame do quarto volume não concluído da *História da Sexualidade: As Confissões da Carne*. A proximidade com nossa subjetivação psicologizada se daria na manutenção com poucas modificações de uma substância ética (o desejo), e de um modo de sujeição (a hermenêutica⁵, visando ao constante exame e confissão dos pensamentos mais recônditos) oriundos dos primeiros cristãos. As diferenças podem ser vistas na teleologia (a purificação ou a virgindade como finalidades cristãs, distintas de qualquer busca de autenticidade) e na negação do eu diante de Deus como prática recorrente dos primeiros cristãos.

Ao contrário dos primeiros cristãos, para os quais o eu é algo para ser examinado, mas igualmente renunciado, nós, modernos, constituiríamos um novo eu na sua vigilância e afirmação constantes através de uma ascese científica (e também legal e religiosa):

Ao largo de todo o cristianismo existe uma correlação entre a revelação do eu, dramática ou verbalmente, e a renúncia ao eu. Ao estudar estas duas técnicas,

minha hipótese é de que a segunda, a verbalização, se torna mais importante. Desde o século XVIII até o presente, as técnicas de verbalização têm sido reinsertadas em um contexto diferente pelas chamadas ciências humanas para ser utilizadas sem que haja renúncia ao eu, mas para construir positivamente um novo eu (Foucault, 1996a, p. 94).

As ciências humanas, junto com a importância hegemônica do sujeito do conhecimento em filosofia e com a educação cristã massiva, proporcionam um predomínio atual do “conhece-te a ti mesmo” sobre o “ocupar-se de si mesmo” de modo desproporcional (Foucault em sua Conferência de Toronto em 1982, citado por Morey, 1996a, p. 37). Em oposição a este culto de si, a história nos oferta outros modos de subjetivação, como a estética da existência greco-romana, que não possui qualquer valor propositivo que não o de abolir as investidas universalizantes:

No culto de si da Califórnia, devemos descobrir o verdadeiro si, separá-lo daquilo que deveria obscurecê-lo, aliená-lo; decifrar o verdadeiro reconhecimento à ciência psicológica ou psicanalítica, supostamente capazes de apontar o que é o verdadeiro eu. Portanto, não apenas não identifico esta antiga cultura de si com aquilo que poderíamos chamar de culto californiano do si; eu acho que são

diametralmente opostos (Foucault, 1995a, p. 270).

Contudo, uma inversão da questão proposta por Foucault torna-se interessante: se as técnicas hermenêuticas, que emergem do cristianismo primitivo até os dias de hoje, colocam-se como condição de possibilidade dos próprios saberes e práticas psi, não poderiam os próprios saberes e práticas gerar técnicas específicas de si? Para isto, torna-se importante um exame dos modos de atuação de algumas práticas psi. E para tal, escolheremos algumas em que os modos hermenêuticos parecem prevalentes: as práticas clínicas. Seguimos com a discussão de algumas estratégias de investigação deste campo.

Como proceder este exame no campo psi?

O estudo dos efeitos de subjetivação das práticas clínicas psi nos conduz à proximidade com algumas correntes dos atuais Estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade⁶: a Teoria Ator-Rede (de Latour, Callon e Law) e a Epistemologia Política (de Stengers e Despret). Mesmo que se coloquem alguns possíveis pontos divergentes com a arqueologia e a

genealogia foucaultiana⁷, existem vários pontos convergentes entre estes autores como:

- 1) A abordagem simétrica entre os saberes estabelecidos e os duvidosos, sem qualquer critério epistêmico normatizador (assim operariam os princípios de simetria e o conceito de *episteme* em Foucault);
- 2) A recusa consequente a toda leitura evolutiva ou progressista na história dos saberes;
- 3) A recusa a grandes entidades explicativas (sociedade, natureza, homem, ciência, consciência, linguagem, estrutura, etc.);
- 4) O entrelaçamento da produção dos saberes com uma ampla rede que envolve modos de governo, técnicas de si, aliados institucionais e entes híbridos sociotécnicos (apontando de modo nominalista para os grandes efeitos de pequenas entidades contingentes em agenciamento).

Contudo, maior ponto de aproximação pode ser buscado na própria concepção do processo de produção de saberes. Para os autores da Teoria Ator-Rede e da Epistemologia Política, o conhecimento se daria sempre como articulação e coafetação entre

entidades (humanas e não humanas), na produção inesperada de efeitos objetivantes e subjetivantes, e não no salto representacional dado na identidade entre uma sentença ou hipótese prévia e um estado de coisas previamente demarcado (o que Foucault, 1982, chamaria de verdade-constatação). Enquanto articulação, o conhecimento científico não se distinguiria mais entre má e boa representação de um estado de coisas, mas entre má e boa articulação na produção de entidades. No primeiro caso temos uma situação em que a articulação é extorquida ou condicionada a uma resposta pontual, conduzindo os seres pesquisados a um lugar de “docilidade”. No segundo teríamos uma articulação na qual o testemunho iria além da mera resposta, abrindo-se ao risco de invalidação das questões e proposições do pesquisador e a colocação de novas questões pelos entes pesquisados. Aqui teríamos uma relação de recalcitrância.

Nesta abordagem micropolítica dos modos de conhecimento, esses autores vão opor a recalcitrância dos seres não humanos à docilidade, e obediência à autoridade científica dos seres humanos:

Contrário aos não-humanos, humanos tem uma grande tendência, quando colocados em presença de uma

autoridade científica, a abandonar qualquer recalcitrância e se comportar como objetos obedientes oferecendo aos investigadores apenas declarações redundantes, confortando então estes investigadores na crença de que eles produzem fatos ‘científicos’ robustos e imitam a grande solidez das ciências naturais (Latour, 2004, p. 217).

Para Latour (1997b, p. 301), as ciências humanas só se tornariam realmente ciências não se imitassem a objetividade das ciências naturais, mas sua possibilidade de recalcitrância. Despret (2004, p. 97), por sua vez, estabelece que a possibilidade da recalcitrância nos testemunhos psicológicos, bastante rara, se torna mais difícil ao lado dos dispositivos que trabalham com participantes colocados na posição de “ingênuos”, daqueles que desconhecem o que se encontra em questão. Sujeitos sem a prerrogativa da expertise não trazem risco de tomar posição nas investigações (p. 97). É neste pacto que se fundariam muitos modos de investigação psicológicos.

E poderíamos acrescentar também muitos dispositivos clínicos, impermeabilizados pela posição de autoridade científica do terapeuta e por certos conceitos, como o de resistência, na qual cabe sempre ao analista a posição de enunciar a verdade, mesmo sob discordância do analisado. Neste

caso, a recusa do paciente aponta apenas para uma confirmação mais forte da interpretação do terapeuta, não havendo possibilidade de pôr em risco o dispositivo clínico.

Este mecanismo de docilização no campo clínico (devido à autoridade do terapeuta) se reforça na dupla política do segredo descrita por Despret (2011a). Segundo esta autora, na prática clínica a política segredante operaria de duas formas: a) na transformação em segredo íntimo de tudo que se possa oferecer como gerador de sintoma por parte do paciente; b) na intervenção do terapeuta de acordo com este mesmo modo sigiloso, tornando-se o modo mesmo com que este protege o paciente (e sua intimidade), além de sua competência profissional.

Que alternativa seria possível diante da atuação destes efeitos de docilização micropolíticos? Despret (2004, p. 102) aponta uma possibilidade para os dispositivos psicológicos: estes podem ser “o lugar de exploração e de criação disso que os humanos podem ser capazes quando se os trata com a confiança que se dispensa aos experts”.

Adentrando uma divisão de psicologia aplicada

Como aponta Law (2004, p. 10), os métodos não são simples dispositivos seguros de representação de uma realidade dada, mas englobam políticas ontológicas ou modos estratégicos de produção de realidades. Neste caso, torna-se importante uma série de escolhas em termos de estratégias de investigação. Urge, de início, por em questão o alcance deste estudo. Ele poderia envolver a análise de um conjunto específico de dispositivos ou técnicas psi (correntes terapêuticas ou de aconselhamento, etc.). Contudo, a opção foi por uma entidade ao mesmo tempo mais extensa e mais delimitada do que os diversos dispositivos ligados a uma orientação específica: a Divisão de Psicologia Aplicada (DPA) do Instituto de Psicologia da UFRJ.

Mais extensa por um lado, pois envolve um campo plural com práticas clínicas de diferentes abordagens sendo realizadas por estudantes de psicologia em formação, em um serviço oferecido à comunidade, sob a supervisão de coordenadores (professores e técnicos do referido instituto). Mas, por outro lado, esta seria uma entidade mais delimitada, pois ela se circunscreve em um serviço específico e com conexões distribuídas a agentes mais específicos: a grade curricular do Instituto de

Psicologia e as tramas conduzidas por seus pacientes.

Delimitado o campo, quais seriam os seus agentes por excelência? Basicamente, esta pesquisa se faz no acompanhamento em campo destes diversos atores (pacientes, estagiários e coordenadores) quanto aos seus modos de articulação e produção recíproca com os diversos serviços psi. Contudo, poderíamos contar com outros atores: as normativas que regem o funcionamento da DPA, a disposição de seu prédio, a sua relação com o Instituto de Psicologia. Feita a contabilidade dos atores, resta dar conta dos modos políticos de articulação com estes. Tal acompanhamento segue alguns parâmetros da Teoria Ator-Rede e da Epistemologia Política:

- A) os participantes da pesquisa são tomados como experts no tema, sem qualquer divisão prévia entre saber comum e científico (o princípio de simetria de Bloor, posteriormente ampliado por Callon e Latour, 1997c);
- B) enquanto experts, ou participantes ativos da pesquisa, são demandadas definições sobre suas experiências, práticas, e expectativas quanto ao próprio tratamento, numa posição em que suas

abordagens podem redefinir o próprio sentido da investigação (o que previamente definimos como recalcitrância).

Remontando roteiros

A opacidade da clínica psicológica por meio do seu modo de funcionamento segredante conduziu-nos a abordagens indiretas destas práticas, como as entrevistas. No caso de nossa pesquisa, elas foram elaboradas a partir de um conjunto de roteiros prévios, visando mapear as práticas e as experiências desenvolvidas nas diversas orientações clínicas. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, no entanto, algumas questões tiveram que ser reformuladas pelo próprio andamento que as entrevistas realizadas foi tomando. Para evitar que as questões ganhassem uma conotação assimétrica e docilizante de testagem de conhecimento, por exemplo, tentamos encaminhá-las buscando a descrição de processos simples, evitando que os participantes se sentissem convocados a produção de abstrações e de respostas canônicas. Nas palavras de Latour (1997a, p. 28), esta tendência a recorrer a abstrações e conceitos para falar da experiência é definida como o uso de uma metalinguagem, em que os atores

apenas forneceriam versões legitimadas de suas práticas.

Na tentativa de se contornar estas versões legitimadas e canônicas, há a aposta de que os participantes possam se colocar como *experts* numa posição mais recalcitrante, capazes de colocar novas questões à pesquisa. É neste sentido que, por exemplo, nossa primeira questão remete a um pedido de que os entrevistados apresentem questões que eles próprios entendam como cruciais ao tema de nossa pesquisa.

Entre a docilidade e a recalcitrância

Na análise das entrevistas, mais do que classificar as práticas de uma determinada orientação como extorsivas ou favorecedoras da recalcitrância, observamos uma série de pistas nos usos que os pacientes faziam das diversas terapias que poderiam apontar para técnicas específicas de si. Estas se manifestaram por meio de posturas de problematização de si e das instâncias de vida coletiva, como preconceitos, estereótipos e mensagens subliminares, que conduziam a exercícios muito peculiares (como a constituição de diários e a apropriação dos discursos dos terapeutas). Examinemos de modo

mais detido tais possíveis exemplos ascéticos.

Em um primeiro caso, temos o relato de uma paciente iniciando terapia em psicanálise. É interessante observar que ao mesmo tempo em que ela define a função da terapia em termos de uma possibilidade de “autoconhecimento”, ela indica também um uso bastante pragmático da terapia quando, por exemplo, diz que sua terapeuta é uma espécie de “mediadora” entre ela e seus pensamentos. No contexto apresentado por esta participante da pesquisa, a terapia aparece como um entre outros instrumentos, como também o é o uso de um diário, para anotar suas questões terapêuticas. O que remeteria ao que Foucault (1992) denominaria de “escrita de si” hermenêutica. Este movimento de autoconhecimento e cuidado de si pode ser resumido na frase final de sua fala, potencialmente paradoxal, mas que nos revela algo sobre esta dupla utilização:

“você vai conseguindo entender e vai colocando pra fora”... eu estudo fonoaudiologia, então o nosso objeto de estudo é a comunicação humana... Então a linguagem é um meio, assim, tem essa coisa de que a linguagem está diretamente ligada à cognição, ao pensamento, então eu acho que quando a gente expressa aquilo que a gente está pensando, a gente vai conseguindo se encontrar melhor, pelo menos, parece

que comigo, às vezes eu faço isso. Além de eu ter começado a terapia eu comecei a fazer diário. Que aí eu vou percebendo que conforme eu vou escrevendo as coisas eu vou conseguindo me autoentender, uma coisa que eu não tenho muito estudo sobre isso, exatamente, mas a linguagem media o pensamento, né? Então eu acho que conforme você vai se expressando você vai conseguindo entender e vai colocando pra fora.

O lugar de expertise da terapeuta, neste caso, não é colocado em cheque em nenhum momento. O terapeuta permanece ocupando o lugar de quem pode mediar este autoconhecimento; a recalcitrância da paciente, porém, aparece na maneira como ela utiliza a terapia em consonância com outras técnicas, não cedendo a este o lugar de única enunciativa da verdade sobre si.

Em outro caso, de um paciente em terapia com a equipe de análise institucional, observamos um tipo de relação bem diversa. O papel do terapeuta é colocado de maneira extremamente identificada com o papel do mestre que irá revelar uma nova verdade sobre si, mas o conteúdo desta verdade é o de que não há verdade universalizante. Desta forma, um modo recalcitrante é identificado ao próprio modo de atuação das práticas psicológicas:

Eu tenho muitas coisas que eu não conheço. Tem muitas coisas em mim que eu não sei qual é... Muitos comportamentos em mim que eu não sei qual é a origem desse comportamento, muitas coisas em mim... que eu sigo como se fosse até um paradigma né... Às vezes só porque já via outras pessoas seguindo e eu vou no... no mesmo ritmo então tem várias coisas que a psicologia nesse caso tá me questionando: porque disso, porquê daquilo, será que isso é bom? Será que isso é ruim? [...] Eu também tive... na cadeira de contabilidade ... o estudo de filosofia né, e foi me questionado uma vez pelo professor de filosofia: você precisa de que pra ser feliz? Aí eu respondi: Eu preciso de 10 milhões na minha conta, um apartamento na Barra e um carro numa garagem, mais nada. Aí ele falou: Você precisa disso pra ser feliz ou te disseram que você precisa disso pra ser feliz? ... Então eu comecei

a me questionar, será que a mídia, ou aquela pessoa, ou algo, ou... me veicula a querer aquilo, a desejar aquilo, aí comecei a me questionar muito. Eu sempre me questionei muito, aí agora, com esse tratamento eu venho me questionando ainda mais, eu venho buscando o melhor pra mim.

Por fim, temos ainda um último exemplo no qual o lugar de autoridade do terapeuta é mantido, mas a própria enunciação do terapeuta é reapropriada segundo os interesses do paciente de maneira completamente diferente da que este havia imaginado. Desta vez o relato é de uma estagiária da equipe de análise institucional e a paciente é uma menina de 10 anos.

Primeiro dia de sessão conversando com ela, [...] Meio assim, a sua mãe que te trouxe aqui, mas é um espaço seu e você tem que achar que isso aqui vale de alguma coisa pra você. Para que que você acha que vale? Aí a menina: não, é que eu tenho medo do meu pai. ... Você nunca contou para o seu pai, nunca mostrou pra ele, nunca nada?" Aí foi, sessão vai, brinquei com ela.. E aí na sessão seguinte a criatura vira pra mim e, passado o final de semana, cheguei na segunda feira... Aí, como é que foi seu final de semana: "Ah, foi muito legal, eu fui pra casa do meu pai."... "E aí, como é que foi na casa do seu pai? Como é que foi encontrar com ele, você tava com medo, né?" Aí, "foi muito legal, mas

eu fiz o que a senhora falou". Aí, que medo, cara, o que a senhora falou!!! Pelo amor de deus!!! (...) E aí, ela me respondeu: ah, eu falei para o meu pai que eu tinha medo dele. Conte pra ele... Que que você falou? Ah, eu falei que eu não queria mais que ele gritasse comigo, eu falei que eu não gostava, que não era mais pra ele fazer isso e tal. E todo o percurso do tratamento, enfim, do acompanhamento que eu fiz ao longo dos três meses depois disso, girou em torno do fato que ela conseguiu falar para o pai que tinha medo e o pai respondeu dizendo: não, desculpa, eu não vou mais fazer isso, e o medo, assim, acabou.

Aqui poderíamos ver este gesto da paciente como uma performance dócil de uma demanda da terapeuta. Mas o que desponta é uma docilidade desviante na tradução de um questionamento para um modo de ação inesperado. Ou seja, a passagem de um modo hermenêutico de exploração de si para um modo nada hermenêutico. Apontando que os modos de produção de subjetividade em terapia não são cristalinos, mas apresentam desvios em relação aos dispositivos propostos pelos terapeutas.

Discussão final

Mais que classificar as práticas clínicas em docilizantes ou abertas para

recalcitrância ou atestar um predomínio ou não da *askesis* hermenêutica, nós tentamos utilizar esses conceitos para avaliar a abertura que a própria pesquisa pode operar em relação a discursos recalcitrantes, atuando em modos de produção de subjetividades. Nesse aspecto, a reflexão sobre nossas práticas deve ser constante. Foi, portanto, ao nos deparar com ocorrências de discursos padronizados que indicavam certa docilidade em relação às nossas questões, que pudemos enxergar alguns constrangimentos bem peculiares ao campo e que, além de nos ajudarem a reformular nossas próprias questões, apontaram para discussões importantes tanto da relação dos participantes com o nosso tema, quanto das nossas próprias implicações na pesquisa.

Tomemos como exemplo a questão que nos é sugerida por Despret (2011b, p. 244), qual seja: perguntar quais são as questões que o participante acharia importantes de serem feitas se estivesse em nosso lugar de pesquisador. Percebemos que, ao colocar esta questão por último em nosso roteiro, quase nunca gerávamos respostas interessantes. Depois de ter respondido a todo um roteiro com as nossas perguntas ficava mais difícil para o entrevistado colocar questões próprias. A solução que vimos para isso foi

colocar esta questão em primeiro lugar, dando assim maior importância a este momento de *coexpertise* dos entrevistados.

Além disso, para garantir que este lugar simétrico de *expertise* fosse oferecido, com reais possibilidades de ser produzido, percebemos a importância de explicar mais detidamente e em termos os mais claros quanto possível a trajetória e os objetivos da pesquisa. Outra intervenção que gerava uma atitude dócil nos entrevistados eram as questões sobre “O que é a psicologia?” e “o que é a terapia?” (inicialmente postas no início do roteiro) que ganhavam conotação de testagem de conhecimentos e geravam, muitas vezes, respostas padronizadas. Colocamos, então, essas perguntas no fim do roteiro com um acréscimo: o de que estas questões deveriam ser respondidas com base nas reflexões que foram geradas ao longo de nosso encontro, sem se remeter a uma resposta “certa”.

Ainda neste movimento, perguntas que continham termos como “ato, gesto, intervenção” foram igualmente modificadas para se tornarem mais simples e se referirem de maneira mais direta à experiência dos entrevistados. Pensamos que por nosso grupo de pesquisa estar imerso no universo e no vocabulário psi, provavelmente deixa-

mos passar, sem nos darmos conta, termos que eram demasiadamente psicologizados. E isso produzia um duplo problema: por um lado tais termos faziam referência a algo que pessoas externas à nossa área (os pacientes) poderiam não compreender; por outro lado isto conduz ao risco da metalinguagem (Latour, 1997a, p. 28) no diálogo com os estagiários. A naturalização dos termos consagrados em uma determinada área poderia quebrar o princípio de simetria e barrar descrições menos canônicas das práticas.

Nas linhas finais deste artigo retornamos a Foucault e sua genealogia das técnicas de si. Podemos destacar que a principal questão estabelecida nos últimos escritos deste autor seria: “Como podemos nos tornar diferentes do que somos na atualidade?”. Parece que é a esta questão que o filósofo francês vê como marca da nossa própria modernidade⁸. E é esse estranhamento de si que ele propõe como alternativa mais potente a um modo de subjetivação hegemônico marcado pela hermenêutica de si, em que buscamos nos relacionar conosco através de uma verdade a ser desencavada a partir de nossa interioridade mais íntima, dos nossos segredos mais recônditos. O que Foucault nos aponta é a possibilidade

não de nos acoplarmos a uma verdade interna, mas lançarmo-nos numa deriva de estranhamento de si, intensificando numa escala menor o descolamento que a história das técnicas de si já nos revelaria numa escala maior.

Aqui tentamos que esta prática de estranhamento envolvesse o próprio ato de pesquisar (ampliando os modos de recalcitrância), além da revisão dos conceitos de autores aliados (como a fronteira entre docilidade e recalcitrância) e da extensão das próprias hipóteses genealógicas de Foucault. Deste modo, podemos nos perguntar até que ponto recalcitrância e docilidade seriam movimentos excludentes quanto aos modos de articulação, assim como devemos nos questionar sobre quão hermenêuticas são as práticas desenvolvidas pelos pacientes a partir das terapias psi. Apenas a polifonia do campo poderá ampliar nossas versões.

Notas

¹ Foucault sob o pseudônimo de M. Florence (citado por Morey, 1996, p. 21) esclarece o que entende por subjetividade: “Se trata de uma história da ‘subjetividade’, se entendemos esta palavra como o modo em que o sujeito faz a experiência de si em um jogo de

verdade em que está em relação consigo”. Contudo, a subjetivação transforma-se mais adiante em apenas uma das possibilidades de constituição de si: “Chamarei de subjetivação o processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, mais exatamente de uma subjetividade, que evidentemente é uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si” (Foucault, 1984b, p. 137).

² A ideia inicial de Foucault era contrastar a moral sexual cristã com a da sociedade greco-romana da Antiguidade, na suposta liberalidade desta. Mas acaba se deparando na antiguidade com os mesmos temas da austeridade cristã. A diferença não estaria nas regras de autoridade, mas nas diversas técnicas de si ou éticas (Eribon, 1990, p. 295; Foucault, 1995a, p. 254).

³ Este princípio não implica a presença de uma verdade no sujeito que tenha que ser desvelada, mas, pelo contrário, o governo de si implica o conhecimento do mundo e de sua verdade, transmitida através do mestre; a dialética grega cede à escuta como modo de conhecimento. Deste modo surge uma nova concepção de verdade: ela está na memória e não na alma; pertence ao mestre e não ao sujeito; este é apenas o ponto onde as regras se agrupam:

Aqui estamos muito longe do que seria uma hermenêutica do sujeito. Trata-se ao contrário, de armar o sujeito de uma verdade que não conhecia e que não residia nele; trata-se de fazer desta verdade aprendida, memorizada, progressivamente aplicada, um quase-sujeito que reina soberano em nós mesmos (Foucault, 1997, p. 130; conferir também 1996a: 68,71-72,73)

⁴ O exame de si, ou da consciência, é tomado dos antigos com novas finalidades; não mais a descrição das ações em conformidade com as regras racionais e universais. O novo uso do exame da consciência se vale inclusive de técnicas consagradas entre os antigos, como os exercícios de verbalização entre aluno e mestre. Assim tem-se a *exomologesis*, dada na paradoxal expressão somática e simbólica dos pecados a fim de apagá-los (própria do cristianismo secular), e a *exagouresis*, exame da consciência por excelência, realizado através dos princípios da contemplação de seus pensamentos e da obediência ao diretor da consciência (Foucault, 1996a: 81-93). Trata-se, neste último caso, de uma prática cristã surgida no interior dos monastérios.

⁵ Um dos raros exemplos de práticas pré-cristãs que dariam ensejo à psicanálise pode ser encontrado em Epíteto, em seus exercícios ascéticos

(que visam um maior controle de si), notadamente os sofisticados (de perguntas, respostas e lição moral) e éticos (ou ambulatorios, verificando-se, por exemplo, as reações durante um passeio matinal). Em ambos os casos o objetivo é o controle das representações, permitindo-se que se conforme às regras perante uma adversidade, não se buscando o deciframento da verdade. Para Foucault (1996a, p. 78), ainda que não haja esta finalidade, constitui-se aqui “palavra por palavra uma verdadeira máquina de censura pré-freudiana”, num autoexame permanente em que cada qual é o seu próprio censor.

⁶ Os Estudos em Ciência Tecnologia e Sociedade (CTS), surgidos na virada para os anos 1970 puderam dar conta de uma ampla gama de temas (estudos de laboratório, cartografia de controvérsias, constituição de dispositivos técnicos, dentre outros), por meio de diversas abordagens (programa forte, teoria ator-rede, abordagens pós-fenomenológicas, teoria crítica, etc.) e envolvendo diversas áreas academicamente constituídas. Distinguem-se da abordagem internalista, evolucionista e assimétrica das epistemologias tradicionais (positivismo e racionalismo aplicado), assim como do tímido entrelaçamento entre ciência, tecnologia e socie-

dade feito pela sociologia da ciência tradicional (Karl Manheim e Robert Merton) restrita a aspectos institucionais e centrada em saberes pouco estabilizados.

⁷ Os pontos de tensionamento maiores diriam respeito à tarefa desconstrucionista do pensamento foucaultiano, sua valorização das rupturas, além de uma certa proximidade com a epistemologia francesa (Latour, 1993; Ferreira, 2007).⁸

Meu papel – e esta é uma palavra demasiado enfática – consiste em ensinar às pessoas que são mais livres do que sentem, que se aceita como verdade, como evidência alguns temas que têm sido construídos durante um certo momento na história, e que esta pretensa evidência pode ser criticada e destruída. (Foucault, 1996b, p. 142-143; conferir também 1984a, p. 83).

Ou ainda: “Sem dúvida o objetivo principal hoje não é descobrir, mas recusar o que somos” (Foucault, 1995b, p. 239). De igual modo define esta atitude como “hiperativismo pessimista” (1995a, p. 256):

Minha opinião é que nem tudo é ruim, mas tudo é perigoso, o que não significa exatamente o mesmo que ruim. Se tudo é perigoso, sempre há algo a fazer [...] Acho que a principal escolha ético-política que devemos

fazer a cada dia é determinar qual é o principal perigo.

Referências

Bernard, M. (1983) A psicologia. In: F., Chatelêt (Org.). *História da Filosofia. Idéias, doutrinas* (Vol. 7). Lisboa: Dom Quixote.

Despret, V. (2004) *Le cheval qui savait compter*. Paris: Les empecheurs de penser en ronde.

_____ (2011a) A leitura etnopsicológica do segredo. *Dossie Despret. Revista Fractal de Psicologia*, 3(1), 5-22.

_____ (2011b) Vinciane Despret comenta as apresentações de Heliana Conde e Arthur Arruda Leal. *Práticas e Pesquisas Psicossociais*, 6(2), 243-245.

Eribon, D. (1990) *Michel Foucault, 1926-1984*. São Paulo: Companhia das Letras.

Ferreira, A. A. L. (2007) Bruno Latour e Michel Foucault: entre a construção de um mundo comum e a ontologia histórica de nós mesmos. In A. Queirós, & N. Cruz (Orgs.). *Foucault Hoje* (pp. 46-69). Rio de Janeiro: 7 Letras.

Foucault, M. (1977). *História da sexualidade I. A vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal.

_____ (1982) A casa dos loucos. In R. Machado (Org.). *Microfísica de poder* (pp. 113-128). Rio de Janeiro: Graal.

_____ (1984a). O cuidado com a verdade / entrevista com François Ewald. In C. H. Escobar (Org.). *O Dossier*. Rio de Janeiro: Taurus.

_____ (1984b) O retorno da moral / entrevista com Gilles Barbedette e André Scala. In C. H. Escobar (Org.). *O Dossier*. Rio de Janeiro: Taurus.

_____ (1992) A escrita de si. In *O que é um autor?* Lisboa: Vega-Passagens.

_____ (1994) Sur la genealogie de la éthique In D. Defert, & F. Ewald (Orgs.). *Dits et Ecrits*. Paris: Gallimard. (versão francesa publicada em 1983).

_____ (1995a) Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In H. Dreyfuss, & P. Rabinow (Orgs.). *Michel Foucault na trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária (entrevista publicada em 1983).

_____ (1995b) O sujeito e o poder. In H. Dreyfuss, & P. Rabinow (Orgs.). *Michel*

- Foucault na trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária (artigo publicado em 1982).
- _____ (1996a) Tecnologias del yo. In M. Morey (Org). *Tecnologias del yo*. Barcelona: Paidós/ICE – UAB (conferências pronunciadas em 1982).
- _____ (1996b) Verdad, individuo y poder. In M. Morey (Org). *Tecnologias del yo*. Barcelona: Paidós/ICE – UAB (entrevista realizada em 1982).
- _____ (1997) 1981-1982: A hermenêutica do sujeito. In M. Foucault. *Resumo dos cursos*. Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- Goldman, M. (1998) Objetivação e subjetivação no último Foucault. In G. Castelo Branco, & L. F. B. Neves (Orgs.). *Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência*. Rio de Janeiro & Londrina: Nau & CEFIL.
- Latour, B. (1993) An Interview with B. Latour (Crawford, T. H.). *Configurations* (pp. 247-268). The John Hopkins University Press.
- _____ (1997a) A vida de laboratório. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- _____ (1997b) Des sujets recalcitrants. *Recherche*, 301.
- _____ (1997c) *A ciência em ação*. São Paulo: Unesp.
- _____ (2004) How to talk about the body. *Body & Society* (Vol. 10(2-3), p. 205-229). Londres: SAGE Publications.
- Law, J. (2004) *After method*. Londres: Routledge.
- Morey, M. (1996) Introducción. In M. Morey (Org). *Tecnologias del yo* (3a ed.). Barcelona: Paidós/ICE – UAB.
- Passos, E. P. P. (1992) *O sujeito cognitivo entre o tempo e o espaço*. Tese (doutorado), Instituto de Psicologia da UFRJ.
- Tinbergen, N. (1985) *El estudio del instinto*. Mexico: Siglo Veinteuno.
-
- Arthur Arruda Leal Ferreira:** Professor Associado do Instituto de Psicologia Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e dos Programas de Pós-graduação em psicologia Clínica (UFF), Psicologia (UFRJ) e de História da Ciência e da Técnica e Epistemologia (UFRJ). Doutor em Psicologia Clínica

pela Pontifícia Universidade Católica da São Paulo (PUCSP) e pesquisador financiado pelo CNPq (bolsista de produtividade).

E-mail: arleal@superig.com.br

Natalia Barbosa Pereira: Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia (UFRJ). Bolsista do CNPq durante a iniciação científica e o primeiro ano de mestrado, atualmente recebe bolsa de premiação por desempenho do programa Aluno Nota 10 da FAPERJ.

E-mail: nataliasemacento@ig.com.br

Bruno Foureaux Figueredo: Formado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ. Atualmente se dedica à pesquisas nas áreas de Psicologia e Educação, estudos CTS, etnografia e produção de subjetividades.

E-mail: brunofoureaux@gmail.com

Recebido em: 27/08/2014 - Aceito em: 05/09/2014
